

Um inegável convite

Por Carolina Camargo Soares Figueiredo

Convite

ouça bem o que parece silêncio
e sinta a unha o punho o porrete
o corte a força o soco
na nossa vida vibrando há séculos
aqui

ouça bem o que parece silêncio
e sinta a dor o frio
o penetrante gemido
que nos picota as entranhas

e para saber melhor
entre
afaste de nosso rosto
o cipoal de desprezo sarcasmo e disfarce
que nos puseram na porta bem posto

e seja bem vindo
ao nosso quarto de gritos achados e perdidos

tenha bondade
sente no meio da mocidade



ou se quiser
não se acanhe
sente no meio dos velhos e antepassados

ouça bem o que parece silêncio...
o choro da cantiga de ninar a dor...
ouça bem...
e pergunte se há racismo no brasil.

[Luiz Silva (Cutí) (1951-), *Negroesia*, 2007.]

O eu-lírico solicita uma reflexão. Que o leitor abandone sua passividade e indiferença em relação ao racismo. Tudo explicitado em “afaste de nosso rosto/ o cipoal de desprezo sarcasmo e disfarce/ que nos puseram na porta bem posto”. A discriminação não é pontual, nem mesmo está circunscrita aos séculos XVI ao XIX. Pelo contrário, se estende ao longo do tempo, presente em nossos dias, condensada pelo advérbio “aqui” e pela coletividade “mocidade”, “velhos e antepassados”.

Percebemos – e sentimos na pele – o racismo através das gerações. O poema nos aproxima do sofrimento causado por uma sucessão de agressões físicas (1ª estrofe), e pela escuta do “penetrante gemido/ que nos picota as entranhas”. Tanto a arquitetura dos versos livres, quanto a ausência de pontuação ao longo do poema, exceto a última estrofe que suspende o pensamento com reticências, gera uma leitura sem pausas para respirar. Simula-se, assim, um estado de intensa angústia e aflição. Uma violência que também é simbólica. O verso “ouça bem o que parece silêncio”, repetido três vezes, quase como um mote, frisa a naturalização do racismo no Brasil, por intermédio de discursos e atitudes que minimizam o preconceito. Tal silenciamento é eficaz para a perpetuação das desigualdades, das injustiças, seja por não se discutir a existência de tais problemas em nossa sociedade, a fim de buscar efetivas transformações coletivas, seja pela falta de consciência individual.

Nota-se que “brasil” é grafado com letra minúscula, o que transporta o sentido abstrato e pacífico da pátria, que apaga a responsabilidade de cada pessoa, para a denúncia, a crítica. Quando nós brasileiros deixarmos “o choro da cantiga de ninar a dor...” para, de fato, combater o racismo? Esse “ninar a dor”



aponta para um estado de tormento, distanciando-se do sentimento de harmonia cultural, linguística, social, religiosa e étnica. Uma conhecida imagem ficcional do país, evocada, por exemplo, no verso “Deitado eternamente em berço esplêndido” do hino nacional, apenas para fixarmos a metáfora do ninar nesse poema. A voz poética, conforme o título antecipa, faz o “Convite”, que, numa primeira leitura pode parecer amistoso, com “seja bem vindo”, “tenha bondade” e “não se acanhe”. Mas, se compreendermos a expressividade desses versos, nosso olhar e escuta são redirecionados à luta contra o racismo, que migra do plano das ideias ou uma única data, no caso, 20 de novembro, “Dia da Consciência Negra”, para um esforço de combate diário, comportamental. Essa a sugestão maior do poema, seu mais fundo convite, que deve ser lido de modo cíclico, refrão contínuo. Enquanto houver negacionismo sobre o racismo será necessário retomar a leitura. Cantemos esse convite!

